

Na trilha da ancestralidade

Marcos Rodrigues^{1*} 

¹ Universidade Federal da Bahia - Brasil

*Autor de correspondência: jmbr.ba@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Ancestralidade
Ilê Ogunjá
Pai Procópio

KEYWORDS:

Ancestry
Ilê Ogunjá
Pai Procópio

PALABRAS-CLAVE:

Ascendencia
Ilê Ogunjá
Pai Procópio

RESUMO

Resenha do livro VEIGA, Rychelmy Imbiriba. *Um menino da Bahia: em busca de Pai Procópio de Ogunjá*. 2ª ed. Salvador: Vento Leste, 2021. 148 p.

ABSTRACT

Review of the book VEIGA, Rychelmy Imbiriba. *A boy from Bahia: in search of Father Procópio de Ogunjá*. 2nd ed. Salvador: Vento Leste, 2021. 148 p.

RESUMEN

Reseña del libro VEIGA, Rychelmy Imbiriba. *Um menino da Bahia: em busca de Pai Procópio de Ogunjá*. 2ª ed. Salvador: Vento Leste, 2021. 148 p.

SUBMETIDO: 16 de fevereiro de 2023 | **ACEITO:** 13 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023

© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Em um momento de retrocessos e luta pela preservação da cultura e contra a intolerância religiosa, alguns pesquisadores decidem ganhar folego e extrapolar os muros acadêmicos para repercutir sua produção. É o caso do professor, pesquisador e babalorixá Rychelmy Imbiriba Veiga que lança a segunda edição do seu livro *Um menino da Bahia: em busca de Pai Procópio de Ogunjá*. O volume é o desdobramento de sua pesquisa de mestrado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia e preenche uma lacuna singular nos estudos desta diáspora africana.

Sob uma perspectiva antropológica, o livro traz uma densa narrativa que mescla as trajetórias do pesquisador e do seu objeto pesquisado, Pai Procópio de Ogunjá. Voltado para as comunidades de axé e interessados no assunto, o trabalho já se constitui mais um capítulo da história do candomblé na Bahia, com uma abordagem sobre matriarcado, a formação dos terreiros e a criação do legado da Feijoada de Ogum, que se tornou uma tradição em vários terreiros. A (re) construção de memória que o autor propõe indica um novo encontro e mudanças no perfil do seu terreiro, o Ilê Aṣé Ojṣé Olodumare, popularmente conhecido como Casa do Mensageiro.

Pense uma leitura que sugere um roteiro cinematográfico. Um texto dinâmico e arrebatador que garante a velocidade do encantamento ao longo de toda a

narrativa. Para o autor, ser um consumidor confesso da produção antropológica baiana sobre africanidades bastou para despertar o desejo subjetivo de conhecer suas raízes ancestrais. E, ao tomar conhecimento de ser filho de Exu, conta que a revelação não foi aceita de imediato por sua mãe. Porém, ter nascido em uma família de pais iniciados no candomblé, certamente, facilitou seu ingresso na vida religiosa.

Atualmente, com uma trajetória marcada pelo deslocamento, natural do Rio de Janeiro, passando pelo Pará, Rio Grande do Norte e Ceará, Rychelmy Veiga acabou radicado na Bahia. Além da pesquisa, sua experiência na área de Religiosidades e Educação (com ênfase em Cultura Afro-Brasileira) acumula a presidência da Associação Afro Cultural Casa do Mensageiro, o magistério na Rede Municipal de Ensino de Mata de São João (BA) e a curadoria do Museu Afro-Brasileiro Pai Procópio de Ogunjá. Assim, demarca território entre os estudiosos de sua geração na área etnológica com o devido mérito.

O pesquisador está entre aqueles que tem mostrado por meio da antropologia que a história do candomblé não se dá somente a partir dos grandes terreiros e suas respectivas famílias. Na busca de (re) conhecer os primórdios de sua memória ancestral religiosa nesse universo preservado por alguns, o autor investiga e segue pistas dos sinais de resistência do povo de terreiro, especialmente o descendente do Ilê Ogunjá. Com isso, a pesquisa se destaca ao ampliar o panorama histórico do candomblé baiano, percorrer um caminho até então inexplorado cientificamente e dar visibilidade à linhagem difusa iniciada pelo líder religioso Procópio Xavier de Souza.

Ao longo dos cinco capítulos, Rychelmy Veiga discorre sobre a descoberta do tema, objeto desse livro, e a saga do trabalho de campo para levantar dados e informações sobre Pai Procópio e sua família de santo. No primeiro deles, o autor apresenta um panorama sobre o candomblé na cidade de Salvador por volta do início do século 20, a partir da visão antropológica dos intelectuais da época. No foco de discussão está o poder matriarcal do candomblé e a atitude diferenciada de mãe Marcolina ao iniciar um homem para o transe, fato inédito para a tradição estabelecida pela cultura iorubá. A história dessa africana liberta ainda hoje segue invisível, mesmo entre os estudiosos mais atentos das ações afirmativas.

No trabalho de campo, o pesquisador consegue chegar a uma grande fonte

e apresenta no capítulo 2 um perfil biográfico de Pai Procópio a partir de depoimentos de dona Edna, testemunha das dificuldades de uma liderança religiosa do sexo masculino em um cenário de predominância feminina. Pai Procópio surge como precursor na luta pela liberdade religiosa ao impetrar um *habeas corpus* para obter permissão de praticar sua religiosidade sem a interferência policial, tão comum naquele período. O êxito dessa atitude chamou a atenção marcando época na história do povo de terreiro e ainda hoje serve de inspiração e referência em processos judiciais de intolerância religiosa cem anos depois, conforme relata o autor.

O livro é acrescido de novo capítulo, gerado após a pesquisa de mestrado, com uma revisão literária de trabalhos acadêmicos produzidos mais recentemente sobre a conjuntura social na segunda década do século 20. Assim, o capítulo 3 enriquece nitidamente o trabalho ao revelar o espaço ocupado por Pai Procópio no noticiário dos jornais, em decorrência da violenta repressão ao candomblé e sua luta permanente em resposta às investidas policiais ao seu terreiro. Fazendo o devido uso do referencial teórico, sem ser abusivo, o professor Rychelmy Veiga consolida o valor da sua pesquisa, inclusive após período acadêmico.

Graças ao recurso da oralidade, seu trabalho ganha forma e levanta dados preciosos sobre a vida de Pai Procópio. O pesquisador rastreou e conseguiu chegar ao Ilê Ogunjá e à dona Edna, afilhada de Procópio, que fecharia o quebra-cabeça, dando a dimensão de sua memória ancestral e o caráter de pertencimento àquela linhagem religiosa. Os depoimentos colhidos e relacionados no capítulo 4 não deixam dúvida sobre a importância da liderança de Pai Procópio na primeira metade do século 20. O legado de Procópio encontrado pelo pesquisador levou à reabertura do terreiro e ao ritual de confirmação da equede Edna, aos 82 anos.

A criação do ritual da Feijoada de Ogum, e sua apropriação pelos terreiros brasileiros, sempre levantou questões, porém nunca foi bem explicada para o respectivo entendimento. Após um retrospecto sobre alimentação, suas implicações rituais e adaptações, o autor procura elucidar a origem do feijão e sua introdução no candomblé e deixa a discussão sobre os indícios da Feijoada com os depoimentos dos mais antigos. Na variação dos relatos ficam a marca da tradição inventada e o diálogo do orixá Ogum mantidos ao longo do tempo no Ilê

Ogunjá e outros terreiros, mesmo aqueles desvinculados da sua linhagem.

O livro renova o debate contemporâneo e enfatiza a relevância do trabalho realizado por Rychelmy Veiga em busca de uma memória ainda invisível, que se constitui mais um capítulo na dinâmica dos fatos históricos do candomblé na Bahia. A pesquisa acabou revelando pessoas, lugares, famílias, histórias e, acima de tudo, a resistência religiosa do povo de terreiro. Sendo um livro voltado ao povo de axé, como define o autor, não deixa de ser um incentivo para outras iniciativas de reparação histórica dentro ou fora de espaços acadêmicos.

Já que a publicação foi revista e ampliada, caberia observar para as próximas edições a necessidade de corrigir alguns elementos textuais de ordem técnica ou mesmo metodológica. A saber: 1) legenda e fonte ou autoria da maioria das imagens; 2) menção do nome do mestrado em Estudos Étnicos e Africanos (p.22); 3) a afirmação de que o livro se divide em quatro capítulos (p. 41) e atualização da descrição do capítulo 3 e os seguintes; 4) menção do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro em 1935 (p. 102); 5) ordem alfabética das referências (p. 144).

O livro contribui com uma temática de grande interesse para os estudos etnológicos na medida em que preenche lacunas na história do candomblé e deixa reflexões para a realização de novos trabalhos no segmento etnológico baiano. Portanto, temos um relato oportuno que procura elucidar aspectos ainda pouco abordados sobre a religiosidade de origem africana na Bahia.

Em sua narrativa, o jovem sacerdote pesquisador, ao tempo em que busca visibilizar sua linhagem religiosa, vem ocupando seu devido espaço na história do candomblé na Bahia. Certamente sob inspiração ancestral de Mãe Marcolina e de Pai Procópio, segue rompendo fronteiras na correnteza da tradição. O deslocamento da Casa do Mensageiro, do Rio Grande do Norte para a Bahia, e as mudanças de endereço até a sede atual em Barra de Pojuca, distrito de Camaçari (BA), são marcas da dinâmica de sua trajetória.